

MARIA ERNESTO: DAS RUÍNAS À IMAGEM

João Batista da Silva Lima²¹

Resumo: Este trabalho, surge a partir da interlocução entre a apresentação do projeto de pesquisa e os estudantes de Letras e História, no componente Canção e Imagem. Tem como objetivo trazer das Ruínas (BENJAMIM, 1994), narrativas orais de mulheres negras que tiveram sua existência negada na história tradicional de Canudos. No processo de construção da memória coletiva de Canudos privilegiou-se as narrativas de homens conselheiristas que sobreviveram, e que podemos observar nas canções, romances, literatura de cordel entre outros. Embora seja importante a memória contestadora produzida pelos relatos dos homens conselheiristas, nota-se a ausência nessas produções do protagonismo de mulheres negras. Como aporte teórico, a princípio trabalharemos além de BENJAMIM (1994), com COSTA (2010), JOVCHELOVITCH; BAUER (2008) LIMA (2010), LIMA (2019), SILVA (2018), TINHORÃO (1966), SANTOS (1999), SODRÉ (1983), TAVARES (1993). O método utilizado é qualitativo, com texto, imagem e som, com enfoque no estudo de caso das narrativas orais de mulheres negras (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008) que foram identificadas a partir de fotos produzida por Verger (1946) e Barros (1897) em Canudos Bahia. Como resultado inicial dessa pesquisa houve o levantamento das fotos produzidas por Pierre Verger (1946) em que observamos a ausência de relatos históricos

²¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Andréa Betânia da Silva. Endereço eletrônico: andreabetania@gmail.com visitecanudos@gmail.com

nas produções tradicionais da história de Canudos. No levantamento iconográfico dessas mulheres, chegamos a Arquilina Maria da Conceição, filha de Maria Ernesto dos Santos, uma das sobreviventes do massacre de Canudos.

Palavras Chaves: Canudos. ruínas. memória coletiva. narrativas orais. mulheres conselheiristas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir da interlocução entre a apresentação do projeto de pesquisa e os estudantes de Letras e História, no componente História e Iconografia, ministrada pelo Professor *Dr. Washigton Drummond*. Durante o tirocínio apresentamos uma série de imagens produzidas pelo fotógrafo *Augusto Flávio de Barros* entre setembro e outubro de 1897, durante a campanha da quarta expedição contra o Belo Monte, a Canudos conselheirista, no que ficou conhecida como a Guerra de Canudos.



Figura 1 Tirocínio - Foto: Davi Soares

Além da iconografia, as canções fizeram parte do contexto didático nas aulas e, a partir das imagens e composições musicais, percebemos o quanto esses corpos foram invisibilizados, na literatura e na música que tratam das questões do Belo Monte de Antônio Conselheiro.



Figura 2 Tirocínio – Foto: Davi Soares

De que forma esses corpos foram invisibilizados, que corpos são esses? Se fizermos uma pesquisa rápida nas plataformas que hospedam músicas, ou na literatura, vamos perceber que ao se tratar de Canudos, da guerra, os personagens mais citados são, Pedrão, João Bade, Pajeú, Capitão Jagunço, Joaquim Mancabira entre outros combatentes e Antônio Conselheiro. E as mulheres, as parteiras, benzedeadas, as combatentes, o que se fez com essas narrativas?



Figura 3 - BARROS, Augusto Flávio. 400 prisioneiros, 1897. IMS

Na imagem, inúmeras mulheres rendidas, fizeram prisioneiras também suas crianças. Quais seus nomes? São Marias, das Dores, das Graças, de Jesus, Domingas. Seus nomes foram esquecidos pela literatura euclidiana em *Os Sertões*.

BENÍCIO destaca o diálogo entre o soldado e uma mulher, em desespero, confronta os militares, após os insultos, é conduzida para a degola.

O que mais desejam? A nós, as mulheres? Homens há poucos lá dentro e estes não se entregarão, morrerão todos, um por um, no combate, que é bem melhor do que ser degolado como os senhores têm feito aos desgraçados que lhes vieram pedir socorro. Degolem a todos; degolem os filhos também, para que não reste um só que, como eu

agora, amaldiçoe mais tarde, a todos, a todos, raça danada! (BENICIO, p.270, 2013)

Manuel Benício foi um jornalista expedicionário, correspondente do *Jornal do Comércio* escreveu o livro *Rei dos Jagunços* e nele trata do perfil dos seguidores, da rendição e degola. Mulheres foram violentadas, mortas de forma brutal e covarde, muitas dessas mulheres em sua maioria negras, foram levadas a força para a *gravata vermelha*²², muitas delas assistiram o degolamento de seus filhos e companheiros. E quem se preocupou em descrever os horrores que essas mulheres passaram? Quem versou sobre elas, cancionou ou narrou suas dores? *Gereba*, compositor e músico, natural de Monte Santo na Bahia compôs uma canção, de título “Muié santa de Canudos”, poucas canções fazem referência as mulheres do Belo Monte, da conhecida Canudos Conselheirista.

As muié santa de Canudos encarnaram na cidade,
a primeira apareceu no meio de uma avenida,
chale azul cobrindo as trevas, no peito as luzes da vida
e das águas do mar, eles foram chegando, cuspiendo fogo
[...]
(GEREBA, Álbum CANUDOS, 1997)

A música, embora faça referência às mulheres, não cita seus nomes; o pós-guerra foi um momento de silenciamento, e durante a guerra não procuraram saber sobre elas, o que faziam, qual era seu papel na comunidade.

Moore vai nos dizer que a ideia de raça não é o problema, “*desde o início da antiguidade o racismo sempre foi uma realidade social e cultural*” a maior questão é a “*falta de sensibilidade*” essa sem

²². Gravata vermelha foi como ficou conhecida a degola, durante a guerra contra Canudos, o termo utilizado era esse.

dúvida, é um fator para que possamos romper o fenótipo. O autor ainda destaca: “O racismo retira a sensibilidade dos seres humano para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-os inevitavelmente à sua trivialização e banalização.” (MOORE, p. 23, 2007). *Euclides da Cunha* escritor de *Os Sertões* não teve essa sensibilidade, o preconceito e racismo possivelmente o tornara insensível as dores e aos corpos pretos.

Na Canudos atual, a terceira, que se constitui a partir da construção da Barragem do Açude do Cocorobó, construção feita pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Secas, o DNOCS, um outro artista, compositor e cantor, tenta recuperar a partir de suas canções a memória de mulheres dessa nova e terceira Canudos, que se constitui a partir sobreviventes e seus descendentes. Bião de Canudos, compõe sobre as parteiras, as benzedoras, sobre o açude do Cocorobó e tantas outras narrativas.

Minha mulher amanheceu sentindo dor
Não sei o que é que eu dou
Pra fazer ela sorrir
Espere aí que eu vou ali e volto já
Vou chamar Dona Mariá
Pra ver se é hora de parir
(Bião de Canudos, Coisa que mãe dizia, 2005)

Depois da construção do Açude, os escombros do Arraial de Canudos e a segunda Canudos foram inundadas, sepultadas nas águas do Vaza Barris. Em 1997 no centenário do fim da guerra, essas ruínas reaparecem, mostrando ali, as tentativas de silenciamento que se dá a partir da ideia de progresso. E o que essas ruínas nos mostram? Podemos extrair inúmeras imagens, corpos pretos levados ao matadouro, escombros, dores, desamores e melancolia, numa partida sem volta. Cada fragmento da fotografia das prisioneiras reflete o horror do massacre contra o povo de Canudos, mas também a indignação e revolta.

[...] A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval. (BENJAMIM, p.12, 2012)

Quantas dessas mulheres sobreviveram? Trouxemos esse fragmento de *Benjamim* que descreve a obra de *Paul Klee* cujo título é *Angelus Novus*, o anjo da história, pois coaduna com o que foi o Belo Monte, um paraíso, refúgio para os excluídos e marginalizados e esse vendaval que nos atravessa, o dito progresso; e a história nos leva novamente as ruínas para tirar de lá a imagem.



Figura 4 Recebendo a imagem na Fundação Pierre Verger, Salvador Bahia.

Durante a pesquisa sobre o cancionero, na busca pela oralidade canudense, nas entrevistas feitas por *Odorico Tavares* em 1946, encontrei o nome *Maria Ernesto dos Santos*, o nome é familiar, pois havia ouvido algumas vezes minha avó *Ernestina* pronunciar. A pesquisa me levou a Fundação *Pierre Verger* e lá encontrei a imagem, não a de *Maria Ernesto*, mas de sua filha *Arquilina Maria da Conceição*, fotografada por Verger em 1946 na segunda Canudos. Era comum em dia de feira todos irem a Canudos para repor seu estoque, sua dispensa. Em um desses dias, enquanto *Odorico Tavares* tomava depoimentos de sobreviventes da Guerra Contra o Belo Monte; *Pierre Verger* fotografava alguns moradores. Arquilina, filha de Maria Ernesto dos Santos, estava nesse dia e foi fotografada. Maria Ernesto era irmã de Manoel Ernesto dos Santos (Manoelzão) afilhado de Antônio Conselheiro. A família saiu muito antes do massacre, onde homens, mulheres e crianças foram brutalmente assassinados. TAVARES, menciona em seu texto que muitos sobreviventes não residiam ali, e que vinham pouco, nesse dia, Maria Ernesto não foi à feira livre da segunda Canudos.

Ainda há sobreviventes em Canudos, alguns deles vindo pouco ao arraial. Citam-nos a velha Teodora, Maria Ernesto, a Velha Mamede, o velho Cardoso, Estanislau e a mulher, o velho Broegas, Antônio Pinto e a sua mulher Josefina. (TAVARES, p.52, 1993)



Figura 5 - GONÇALVES, Natanael - Entrega da imagem ao Instituto Popular Memorial de Canudos, 2023

Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos. (ADICHIE, p.14, 2019)

O papel do pesquisador em campo muitas das vezes é somente o de observar, o seu envolvimento não é permitido. Não previa encontrar na pesquisa a imagem de minha bisavó, Arquilina da Conceição, e tirar das ruínas do esquecimento alguma narrativa de minha tataravó Maria Ernesto. Poderia ter ignorado, mas meu coração pulsava mais forte que nunca e não poderia deixar de apresentar o achado. É perigoso acreditar em uma *história única*, uma história que permeia espaços e temporalidades tão próximas

e que nos toma como testemunha, de uma história desse tempo, do presente. Que possa. Enquanto pesquisador, torna-me mais rigoroso, mas que não me tire a inquietação sobre minhas raízes, minha identidade.

É assim que, em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das *identidades* mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir.
(BACHELARD, p. 21, 1996)

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico : contribuição para uma psicanálise do conhecimento*; tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro : Contraponto, 1996.

BENICIO, Manuel. *O rei dos jagunços*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2012

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte. Mazza edições. 2007.

OVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. *Entrevista narrativa*. In: BAUER, Maritn; GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 90-113.

SANTOS, Eurides de Souza. *A música de Canudos*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, EGBA, 1998.